

A CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA DE MILTON SANTOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO*

Evandro César CLEMENTE**

A contribuição teórica do geógrafo Milton Santos no processo de construção do pensamento geográfico se apresenta de maneira bastante significativa e importante, face à enorme contribuição proporcionada pela sua obra. No Brasil, sua obra é considerada um marco, um "divisor de águas" dentro do processo de construção e evolução do pensamento geográfico. No entanto, tendo em vista a relevância assumida por sua obra, suas contribuições de ordem científica e epistemológica ultrapassaram as fronteiras do Brasil e alcançaram o mundo.

Nascido na Bahia e falecido no ano de 2001, sua vasta obra conta com mais de quarenta livros, além de inúmeros artigos publicados no Brasil e no exterior. Dentre suas obras, destacam-se: "Por uma Geografia Nova" (1978), "Novos rumos da Geografia brasileira" (1985), "Metamorfozes do espaço habitado" (1988), "O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo", "Globalização e meio-técnico-científico-informacional" (1994), "A natureza do espaço: técnica e espaço, razão e emoção" (1997), "Por uma economia política da cidade" (1996), "A urbanização brasileira" (1993), "O espaço do cidadão", "Urbanização e pobreza na América Latina", "São Paulo: metrópole corporativa fragmentada", "Por uma outra Globalização" (2000), "Brasil: território e sociedade", dentre muitas outras.

* Texto apresentado na prova de conhecimentos específicos do processo de seleção para o curso de Pós-Graduação em Geografia, da FCT/Unesp – Presidente Prudente/SP para o ano 2003.

** Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela FCT/UNESP – Universidade Estadual Paulista - de Presidente Prudente-SP. Bolsista da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) e membro do CEDRA (Grupo de estudos sobre dinâmica regional e agrícola). E-mail: evandrospfc@hotmail.com

A sua obra mais contundente e marcante foi o livro lançado no ano de 1978 durante o Encontro Nacional de Geógrafos (ENG). O lançamento desta obra se dá no momento em que ele retorna ao Brasil. Milton Santos deixou o país em razão da repressão instituída pelo sistema político autoritário vigente após 1964. Vivendo no exterior, ele lecionou em renomadas universidades dos Estados Unidos, França, Canadá, e no continente africano. Sua obra, portanto, será influenciada pelos autores e pelas diferentes geografias as quais ele viveu no exterior.

Em "Por uma Geografia Nova", Santos fez uma forte crítica à Geografia que até então se produzia no Brasil, fortemente influenciada e marcada ainda pelos postulados do positivismo e do neo-positivismo. Suas críticas são direcionadas, sobretudo, à chamada "New Geography", ou no Brasil "Geografia Teórica", que primava por métodos quantitativos-estatísticos e matemáticos. Surgida no pós-guerra, esta corrente se desenvolve em contraposição à geografia tradicional, tida esta como uma não geografia pelos partidários da Geografia Quantitativa. Para Santos, a extrema preocupação com o método, diga-se de passagem, um método discutível, fez com que a Geografia se tornasse uma ciência "viva do espaço", pois deixou de lado os processos históricos, trabalhando-se com uma noção de espaço estático.

Porém, suas contribuições não se limitam apenas às críticas. Dentro desta mesma obra, tendo em vista as transformações de ordem teórico-epistemológica que ocorriam na Geografia mundial com o advento da chamada Geografia Crítica, Milton Santos propõe a construção de uma Geografia comprometida com a mudança da realidade social brasileira, desvinculando-se dos postulados positivistas e neo-positivistas representados pela Geografia Tradicional e pela Geografia Teórica, superando desta forma o conteúdo de classe que esta última corrente não fez, permanecendo atrelada aos interesses hegemônicos do capital, com suas críticas se limitando apenas ao método da Geografia Tradicional.

Esta nova corrente da Geografia, assim como a proposta de Milton Santos desenvolveu-se à luz do materialismo histórico

178

dialético, propondo o entendimento das questões relacionadas à luta de classes e ao desenvolvimento desigual e contraditório do sistema capitalista.

A partir de então, sua produção científica passou a ser orientada na busca de teorias e categorias que melhor respondessem à análise e compreensão das metamorfoses do espaço habitado (Santos, 1988).

Dando continuidade ao processo de construção de sua obra, Santos irá conceber o espaço como um sistema indissociado de objetos e ações (1996). Ele ainda propõe, o que para ele representa as categorias fundamentais de análise do espaço geográfico: função, forma, processo e estrutura.

Além das questões de ordem teórico-epistemológica e metodológica na Geografia, suas contribuições também merecem destaque na área de Geografia Urbana e dos processos recentes de mundialização do capital e produção do espaço.

Para Santos, a partir da Segunda Guerra Mundial emerge o denominado "meio-técnico-científico-informacional", no qual a técnica e a ciência assumem grande importância e o espaço passa a ser cada vez mais dotado de artificialismo.

Todo este desenvolvimento tecnológico e científico tem culminado no atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, ou seja, a globalização. Para Santos (1988), a globalização é o estágio supremo da internacionalização da economia capitalista. O momento atual é singular em função da consciência da existência do mundo como um todo, pela convergência dos momentos, a unicidade da técnica, e outros fatores que fazem com que os conceitos como internacionalização e multinacionalização não devam conta de apreender todos estes processos atualmente em marcha.

Em uma de suas últimas obras, "Por uma outra Globalização" (2000), Santos entende a presença de três mundos num só. Para ele há o mundo como fábula, o mundo perverso como ele é e o mundo como ele poderia ser. Deste modo, o mundo como fábula é a globalização como os agentes globais e a mídia nos fazem ver, como a instantaneidade da informação, a enorme fluidez no espaço,

179

etc... O mundo como perversidade é o mundo como ele realmente é ou seja, a globalização acelerando as desigualdades sócio-espaciais e aumentando a fome e a pobreza no mundo. Por fim, Santos aponta alguns fatores que estão sendo gestados tanto no plano empírico como no plano teórico, que deixam vislumbrar a possibilidade de construção de um novo discurso que tenha como preocupação central o próprio homem e não mais o capital, como atualmente ocorre (2000).

Assim, os pontos nos quais a globalização perversa pode se apoiar – como a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento real da extensão do planeta – tornam-se postos a serviço de outros princípios e intenções, tem-se um grande avanço para a superação deste mundo e construção de um novo mundo (Santos, 2000).

Este breve texto dá uma ideia da grandiosidade da obra e da contribuição que Milton Santos teve como geógrafo. Seus esforços teórico-epistemológicos em muito contribuíram para a construção do pensamento geográfico. Suas análises permearam a construção de bases teóricas para a compreensão dos fenômenos espaciais, bem como procurou demonstrar os caminhos para a construção de um mundo menos perverso.

**DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS NO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM GEOGRAFIA: 2003**